

ANAMARIA BRANDI CURTÚ

**MÚSICA, EDUCAÇÃO E INDÚSTRIA CULTURAL: O
LOTEAMENTO DO ESPAÇO SONORO NO ESPAÇO ESCOLAR**



ANAMARIA BRANDI CURTÚ

MÚSICA, EDUCAÇÃO E INDÚSTRIA CULTURAL: O LOTEAMENTO DO ESPAÇO SONORO NO ESPAÇO ESCOLAR

Trabalho de Tese de doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Educação Escolar – exemplar apresentado para defesa de Tese.

Linha de pesquisa:
Estudos Históricos, Filosóficos e Antropológicos sobre Escola e Cultura.

Orientador:
Prof. Dr. Denis Domeneghetti Badia.

ARARAQUARA - SP
2011

Curtú, Anamaria Brandi

Música, educação e indústria cultural: o loteamento do espaço sonoro no espaço escolar / Anamaria Brandi Curtú – 2011

307 f. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara

Orientador: Denis Domeneghetti Badia

1. Indústria cultural. 2. Música. 3. Padronização musical. 4. Filosofia da educação. 5. Semiformação. 6. Loteamento do espaço sonoro. I. Título.

ANAMARIA BRANDI CURTÚ

MÚSICA, EDUCAÇÃO E INDÚSTRIA CULTURAL: O LOTEAMENTO DO ESPAÇO SONORO NO ESPAÇO ESCOLAR

Trabalho de Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Educação Escolar - exemplar apresentado para defesa de Tese.

Linha de pesquisa: Estudos Históricos, Filosóficos e Antropológicos sobre Escola e Cultura.

Orientador:

Prof. Dr. Denis Domeneghetti Badia.

Data da defesa: 25/03/2011

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Denis Domeneghetti Badia
UNESP – Professor do Departamento de Ciências da Educação e Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da FCL-UNESP-CAR

Membro Titular: Prof. Dr. José Carlos de Paula Carvalho
USP - Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - FEUSP

Membro Titular: Profa. Dra. Myrlla Fonsi
Universidade de Girona – Espanha

Membro Titular: Profa. Dra. Dulce Consuelo Andreatta Whitaker
UNESP - Professora do Departamento de Ciências da Educação e Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da FCL-UNESP-CAR

Membro Titular: Profa. Dra. Paula Ramos-De-Oliveira
UNESP - Professora do Departamento de Ciências da Educação e Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da FCL-UNESP-CAR

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

RESUMO

Esta pesquisa, intitulada “Música, Educação e Indústria Cultural: o loteamento do espaço sonoro no espaço escolar”, estudou o uso sistemático das possibilidades de comunicação sonora, com ênfase para as produções musicais padronizadas pela indústria cultural e para a presença da tecnologia. A este uso deu o nome de “loteamento do espaço sonoro”. A partir da Teoria Crítica – principalmente de Adorno – foi elaborado um trabalho de compatibilização paradigmática entre os fundamentos da Teoria Crítica, os estudos antropológicos de Garcia Canclini e entre autores e músicos contemporâneos. Tal compatibilização possibilitou cunhar, no âmbito teórico, o termo “loteamento do espaço sonoro” como um dos fenômenos da indústria cultural hodierna. Na pesquisa de campo o mesmo termo assumiu a função e o sentido de categoria de análise, para a pesquisa qualitativa, com abordagem antropológica, que identificou especificidades do fenômeno do loteamento do espaço sonoro dentro do espaço escolar. Duas escolas de ensino fundamental, sendo uma pública e uma particular, foram os principais campos para a coleta de dados, que utilizou observação livre, observação do repertório musical, entrevistas semi-estruturadas, testes de percepção musical e levantamento do acervo sonoro-musical.

Palavras - chave: Indústria Cultural. Música. Padronização Musical. Filosofia da Educação. Semiformação. Loteamento do Espaço Sonoro.

ABSTRACT

This research, entitled "Music, Education and Culture Industry: the blending of the sound space in the school," studied the systematic use of the possibilities of acoustic communication with emphasis on music productions for the cultural industry and standardized for the presence of technology. In this usage gave the name "blend of sonic space." From the Critical Theory - mainly Adorno - was an elaborate work of compatibility between the paradigmatic foundations of Critical Theory, anthropological studies of Garcia Canclini and contemporary authors and musicians. This compatibilization allowed to mint, in the theoretical realm, the term "blend of the sound space" as one of the phenomena of cultural industry today. In the field research took the same term the function and meaning of a category of analysis for qualitative research, an anthropological approach, which identified specific characteristics of the phenomenon of blending the sound space within the school environment. Two elementary schools, one public and one private, were the main fields for data collection, which used free observation, observation of the musical repertoire, semi-structured interviews, tests of musical perception survey and collection of sound-musical.

Key - words: Culture Industry. Music. Standardization Musical. Philosophy of Education. Half-formation. **Key - words:** Culture Industry. Music. Standardization Musical. Philosophy of Education. Half-formation.

INTRODUÇÃO

Hoje, nesta passagem de século, vemos este cimento – que unifica alicerces político-econômicos à produção da sociedade por atingir também seus estratos culturais – cada vez mais atuante em todos os domínios. A técnica moderna que cria e revoluciona constantemente instrumentos novos, dentre os quais o chamado ciberespaço, alia-se à agressiva globalização modelo único, tornando-se onipresente e oni-atuante. Constituiu-se a indústria cultural, portanto, cada vez mais, num tema inescapável para quem se interessa pela educação tanto em sentido estrito de ação no espaço escolar quanto no sentido amplo de força maior deformante que se exerce sobre todos em todos os momentos. (RAMOS-DE-OLIVEIRA, 2002, p. 137).

Com olhares trazidos da Filosofia da Educação e da Antropologia aqui trouxemos e tratamos algumas questões sobre a padronização musical e seu uso pela indústria cultural. Aprofundamos teoricamente as idéias que orientaram a construção do conceito de “loteamento do espaço sonoro” (CURTÚ e VALENTIM, 2003) e verificamos o fenômeno do loteamento dentro do espaço escolar, investigando suas especificidades.

Trabalhando desde 1987 com música e educação, observamos uma lacuna na capacitação dos ouvintes de modo geral para a apreciação autônoma da arte musical, bem como para distinguir arte de entretenimento. Esta lacuna estaria relacionada a deficiências no aprendizado da música enquanto linguagem, deficiências estas, em grande parte, causadas pela padronização dos produtos de baixa qualidade artística destinados sistematicamente ao consumo das massas. Segundo Adorno (1999, p.66):

[...] não conseguiremos furtar-nos a suspeita de que o gostar e o não gostar já não correspondem ao estado real [...] Ao invés do valor da própria coisa, o critério de julgamento é o fato de a canção de sucesso ser reconhecida de todos; gostar de um disco de sucesso é quase exatamente o mesmo que reconhecê-lo. O comportamento valorativo tornou-se uma ficção para quem se vê cercado de mercadorias musicais padronizadas. Tal indivíduo já não consegue subtrair-se ao julgo (sic) da opinião pública, nem tampouco pode decidir com liberdade quanto ao que lhe é apresentado uma vez que tudo o que se lhe oferece é tão semelhante ou idêntico.

Adorno atribui o consumo dos produtos culturais destinados às massas e o aprisionamento do gosto ao que chamou de semiformação. Contudo, antes ainda de apresentarmos melhor este conceito, convém alertar para o fato de que a submissão aos padrões da indústria cultural é diretamente proporcional ao grau de heteronomia dos sujeitos; isto é, sujeitos que buscam uma autoridade que lhes dirija as orientações estéticas, que lhes indique como e com o que podem sentir prazer, numa heteronomia tanto de apreciação como de denominação do que se aprecia. Almeida (2004, p. 27-28) nos permite uma análise objetiva neste sentido, a partir do que chamou de infância cultural:

Infância cultural: metáfora que uso para um conjunto de estados sociais e psicológicos, tais como: interação com produtos da indústria cultural de maneira singela, repetitiva. A necessidade de sempre ver/ouvir o mesmo; absorção imediata e ingênua das novidades culturais, principalmente as de grande divulgação, e o conseqüente abandono quando a estimulação mercadológica diminui e a moda passa; rejeição às coisas da cultura que demandem esforço de entendimento, sensibilidade, ou atenção, como filmes ou textos considerados difíceis ou complexos; insegurança e medo ante objetos da cultura que não se apresentem já legitimados e autorizados pelos produtores de opinião ou pelo mercado. Dificuldades em ter uma visão pessoal, levando à busca de juízos de autoridade ou a defender-se em conceitos opacos como: elitista, popular, moderno, pós-moderno, conservador, progressista, avançado, de vanguarda, atual, etc., que produzem no usuário certa sensação de segurança intelectual.

Conteúdos de violência e sexo na TV e na internet têm sido objeto de preocupação de sociólogos e educadores. Acreditamos que a música deva suscitar para a Educação o mesmo cuidado, uma vez considerados os valores contidos na dimensão estética e que ficam implícitos/explicitos na linguagem musical. Enquanto os discursos oficiais do governo indiquem, de modo geral, que os esforços concentrados na educação escolar sejam um dos veículos para uma sociedade mais democrática, a indústria cultural oferece padrões musicais cuja hegemonia conduz a valores e comportamentos que, juntamente com outros fatores, dificultam este desenvolvimento educacional desejado.

Constatamos que a difusão destes padrões utiliza o espaço escolar, beneficiando-se de uma visão ingênua dos educadores. Essa visão não nos surpreende, visto que acreditamos ser reflexo de uma omissão generalizada dos governos, em relação à atuação da indústria cultural na produção e distribuição dos

bens simbólicos. Se aqui nos referimos especificamente ao espaço escolar e à visão dos educadores, e nos dispomos a tocar em pontos que nos parecem distantes das iniciativas mais concretas sobre educação, um paralelo pode ser feito com o relato abaixo em que o autor observa a dinâmica dos encontros internacionais a respeito de políticas culturais:

O que aterrissa e o que decola nessas reuniões onde se trata das políticas culturais? Fala-se de pianistas que vão chegar e de pintores ou escritores que serão enviados, conversa-se sobre o patrimônio histórico que não deve ser mexido nem tocado e que começa a ser comercializado. Do que quase ninguém quer falar é das indústrias culturais. É como se há cem anos os presidentes se tivessem negado a mencionar as ferrovias; há cinquenta anos, os carros, os caminhões e os tratores; há trinta, os eletrodomésticos ou as fontes de energia. O que se pretende ao excluir da esfera pública os recursos estratégicos para o desenvolvimento e enriquecimento das nações? Não há possibilidade de que os gigantescos lucros hoje obtidos com os usos industriais da criatividade cultural beneficiem as sociedades geradoras, além de permitir-lhes uma melhor compreensão e fruição de si mesmas, uma comunicação mais diversificada com um maior número de culturas? Sem dúvida, há razões políticas e econômicas para esse negligente descaso, típicas de um tempo em que governar se resume a administrar um modelo econômico que entende o global como subordinação das periferias a um mercado onipotente. Um tempo em que a política e a cultura – enquanto gestão das diferenças – são subsumidas na homogeneidade econômica. (GARCIA CANCLINI, 2007, p.174-175).

Por isso, afirmamos também que os prejuízos resultantes na semiformação dos indivíduos, mediante a oferta de uma estética musical padronizada, têm escapado ao olhar dos educadores, uma vez que estes, de forma geral, encontram-se igualmente submetidos ao estado de audição regredida e de semiformação. Dado que a padronização musical atua como poderoso meio de comunicação e educação sobre ouvintes de diversos níveis sócio-econômicos, diríamos que todos são atingidos pela padronização musical e pelos valores que ela divulga, na medida em que sejam pessoas com possibilidades de apreciação musicais mais ou menos refinadas.

A investigação do loteamento do espaço sonoro dentro do espaço escolar nos chamou a definir este último. Dessa forma, por espaço escolar, abarcamos tanto os acontecimentos formais (aulas) como os informais (intervalos, festas e comemorações, entrada/saída das aulas), entendendo que tudo o que ocorre dentro do processo de escolarização, seja intencional ou não, tem alguma forma de

influência e de responsabilidade pedagógica. Pensamos que o espaço escolar não deva ser apenas preservado da atuação da indústria cultural, mas que deva ser usado para possibilitar experiências musicais formativas, uma vez que a escola é – ou deveria ser – o local de difusão do conhecimento, no qual se incluem as obras musicais e o domínio dos códigos necessários para maior capacidade de apreciação estética.

Tendo sido constatada a sujeição da escola ao loteamento do seu espaço sonoro pela indústria cultural, de forma análoga aos espaços não escolares, se faz relevante esta pesquisa. Pensamos que, levantadas essas questões, a pesquisa beneficiará aos educadores no sentido de terem uma visão mais clara da problemática por eles vivida e por nós levantada, e conseqüentemente, uma preocupação em preservar a escola desta forma de assédio da indústria cultural colaborando, assim, para uma educação mais ampla, culturalmente mais democrática e formadora de pessoas com o comportamento musical mais livre, o que acaba se refletindo também em outros âmbitos da vida que não o musical.

Entendendo a indústria cultural como um fenômeno do capitalismo e o espaço escolar como um local potencialmente interessante para os que se beneficiam da difusão dos valores capitalistas¹, consideramos que:

O capital, puro ou como mercadoria e mercado, tem moldado, constituído e integrado o ensino, às vezes com estardalhaço e outras, as ocasiões talvez mais perigosas, subterraneamente, imperceptivelmente. Exerce um encanto a que tudo invade. (RAMOS-DE-OLIVEIRA, 2001a, p.20).

Conforme o autor supracitado, algumas vezes, o ensino é influenciado pelo capital de modo não explícito. Entendemos que esta influência seja acompanhada por um caráter de subjetividade, não menos perigoso do que quaisquer outras intenções meramente comerciais e descomprometidas com a repercussão dos

¹ A Lei Federal 11.769/08, torna obrigatório o ensino de música para todas as séries do Ensino Fundamental, a partir de 2012. Na seção 3 do capítulo 6 fizemos considerações a respeito da utilização do timbre sintético na imitação de timbres originalmente produzidos por sons acústicos, e, na pesquisa de campo, indicamos que foram encontrados nas escolas materiais didáticos que empregam timbres sintéticos. Ainda em campo, investigamos a percepção dos sujeitos (professores) sobre as duas formas de produção dos timbres (por instrumento acústico e por sintetizador eletrônico). Embora a abordagem deste tema não tenha se dado para uma discussão no âmbito da Educação Musical como conteúdo curricular, pensamos que, as considerações aqui feitas possam contribuir para a avaliação do material pedagógico destinado à Educação Musical que chegará às escolas.

valores estéticos sobre a educação, contidos na ação mercadológica de produção e venda de materiais destinados à educação. A semiformação musical se dá por elementos subjetivos, e, segundo nosso referencial teórico, um desses elementos é a padronização musical (ADORNO, 1996, 1986). Precisamente, quando abordamos neste trabalho a semiformação, levando em conta os elementos subjetivos no fenômeno da padronização musical – abarcados pelo estudo do loteamento do espaço sonoro, e as suas repercussões psicossociais – nosso estudo adquire a objetividade necessária, para tal abordagem, pois

O fato de não podermos demonstrar com precisão como essas coisas funcionam, naturalmente não significa uma contraprova desse efeito, mas apenas que ele funciona de modo imperceptível, muito mais sutil e refinado, sendo por isso, provavelmente muito mais danoso. (ADORNO, 1995 p. 88).

Dadas a complexidade e subjetividade do estudo do loteamento do espaço sonoro e as suas repercussões psicossociais as questões da pesquisa foram encaminhadas no sentido de compreender como a indústria cultural atinge o espaço escolar, se encontra barreiras, quais são, e como as supera. Dessa forma contemplamos a percepção dos sujeitos do espaço escolar: como e em que medida educadores e educandos percebem o processo de loteamento, o que pensam sobre ele – ainda que, provavelmente, sem conhecimento nominal dele – e como interagem com ele; quais os fatores/elementos que influenciam os sujeitos facilitando ou obstaculizando o loteamento do espaço sonoro nas escolas; se para os educandos a escola legitima os produtos da indústria cultural ou se, é a escola que, ao consumi-los é por eles legitimada e quais os critérios que os responsáveis pela escolha de repertório usam para selecionar as músicas executadas.

Uma vez que a tecnologia é componente fundamental no processo de loteamento, pois foi encontrada em todas as situações de loteamento do espaço sonoro, ela foi objeto de especial atenção. Para tanto observamos como os equipamentos eletrônicos foram usados no contexto.

De acordo com a revisão de literatura constatamos a presença da indústria cultural no espaço escolar. A hipótese inicial, então, originada de nossa *práxis* pedagógica, era de que parte dessa presença se fizesse pelo loteamento do espaço sonoro e que isso ocorresse sem que os educadores se dessem conta de tal processo e de sua relevância. Esta hipótese foi comprovada na análise de dados e

podemos constatar, ainda, que as músicas chegam às escolas por caminhos alheios a qualquer critério formal de preocupação educativa sobre os hábitos musicais, e que esta ausência de critérios é beneficiada pela ingenuidade pedagógica e pela supracitada infância cultural.

Notamos, ainda, que existem produtos musicais produzidos pela indústria cultural especificamente para as escolas – para atividades musicais de forma geral, bem como para a educação musical de forma específica – anunciados como música de boa qualidade, mas que, segundo os parâmetros de nosso referencial teórico, seriam qualificados como padronizados, o que equivale a um demérito da qualidade. Esses produtos dificultariam experiências estéticas mais amplas por conservarem as mesmas características de padronização dos elementos estéticos difundidos pela mídia, e responderiam não só à intenção da indústria cultural em expandir mercado, mas, à de superar possíveis obstáculos para entrar no espaço escolar. Neste sentido, em quatro escolas em que lecionamos pudemos encontrar este tipo de material, sempre com indicações, na embalagem ou no conteúdo, como sendo produto indicado para a atividade musical.

A fim de ampliar o tratamento teórico, autores não pertencentes à Teoria Crítica foram trazidos para o debate. Dessa forma utilizamos os conceitos de CANCLINI (2007 e 1997) e BOURDIEU (2007). Além deles, músicos contemporâneos que não se pronunciam como intelectuais vinculados à Teoria Crítica também contribuíram para o diálogo, à medida que encontramos os pontos de convergência entre o que eles pensam – ou que se manifestou em suas produções artísticas, segundo nossa interpretação – sobre o fazer artístico e a Teoria Crítica. São eles: BRITO S.; MELLO B. (2001), WISNIK, J.M. (1999), GUDIN, E.; NATUREZA, S. (1994), SHURMANN, E.F. (1990), MEDAGLIA, J. (1988), TINHORÃO, J. R. (1986), TÁVOLA, A. ²(1996), COPLAND, A. (1974). Nosso intuito foi enriquecer a análise pela experiência desses músicos, e ao mesmo tempo, indicar a factualidade do pensamento teórico por nós escolhido.

Por tratar-se de uma pesquisa no campo da música e pela relevância das experiências musicais no nosso processo particular de formação, usamos em alguns capítulos epígrafes musicais, direta ou indiretamente relacionadas à temática

² Embora não sendo músico, pelo trabalho como crítico de arte e divulgador da arte musical, e, pela pertinência das referências por nós utilizadas para este estudo, foi incluído aqui na categoria de autores/músicos contemporâneos.

tratada. As epígrafes foram chamadas de “devaneios musicais”, todas trazendo letras de músicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões iniciais da pesquisa, que estão na Introdução foram: aprofundar teoricamente o conceito de loteamento do espaço sonoro; verificar o fenômeno do loteamento dentro do espaço escolar, investigando suas especificidades; compreender como a indústria cultural atinge o espaço escolar, se encontra barreiras, quais são e como as supera; contemplar a percepção dos sujeitos do espaço escolar – como e em que medida educadores e educandos percebem o processo de loteamento – o que pensam sobre ele, ainda que, provavelmente, sem conhecimento nominal dele, e como interagem com ele; quais os fatores/elementos que influenciam os sujeitos facilitando ou obstaculizando o loteamento do espaço sonoro nas escolas; se para os educandos a escola legitima os produtos da indústria cultural ou se, é a escola que, ao consumi-los é por eles legitimada; quais os critérios que os responsáveis pela escolha de repertório usam para selecionar as músicas executadas, qual o papel da tecnologia e como se dá o uso dos equipamentos eletrônicos no contexto do loteamento.

As respostas complexas para estas questões estão apresentadas ao longo deste trabalho, tanto na exposição dos dados e fatos observados como nas análises e reflexões que compuseram nosso texto. Constatamos que o loteamento do espaço sonoro – agente da indústria cultural a contribuir para a semiformação e regressão da audição – está presente no espaço escolar. Constatamos ainda que, em virtude do modo como acontecem as atividades musicais na escola, esta valida a indústria cultural e ao mesmo tempo é por ela validada, o que nos permite afirmar que, enquanto fenômeno, o loteamento do espaço sonoro ocorre no espaço escolar tanto qualitativa quanto quantitativamente.

Também verificamos a naturalização da escuta compulsória no processo de dissonância perceptual e a forma variada como os educadores interagem com o loteamento do espaço sonoro: alguns procuram abaixar o som, outros pedem para desligar, alguns pedem músicas específicas, outros promovem ativamente este loteamento e ainda, outros fazem o que chamaríamos de uma ação afirmativa/educativa, incluindo músicas em suas praxes, no intuito de ampliar o universo musical dos alunos, como no caso do professor (da professora) 3.

Ao conceituar teoricamente o fenômeno do loteamento do espaço sonoro, tivemos a sensação de pioneirismo e antecipação em relação à etiologia da problemática levantada. Contudo, na pesquisa de campo tivemos a sensação inversa: de estarmos vivendo uma educação em que os efeitos do loteamento do espaço sonoro já se haviam cristalizado.

Por todo o exposto e por tudo que até o momento este trabalho nos permitiu vivenciar, acreditamos que o loteamento do espaço está onde o homem não está como ator e autor. O loteamento ocorre quando não há silêncio e também quando o ser humano não toca, não canta, ou quando não percebe que é impedido de fazer isto por uma audição involuntária que o faz calar ainda que sem silenciar.

O loteamento do espaço sonoro é, antes de mais nada, uma ação da indústria cultural de características anti-humanas: tão maquinais, tão inidentificáveis, tão despersonalizadas que não se pode sequer nomear as pessoas que a concretizam. Mas é também tão sistematizada e obediente e esse sistema, de modo tal, que seria um grande engano atribuir-lhe anomia.

Tomadas as *“Seis reflexões com conceitos fundamentais da teoria crítica”* enfatizamos que esta pesquisa denuncia a padronização musical que é promovida pela indústria cultural e não a tábua de valores do dialeto musical, na dimensão polissêmica que este assume na cultura multiforme, construído com ela no curso de suas histórias. Mas, considerando a história como o conjunto dos fatos promovidos pelo homem, coube a nós relatar o vilipêndio com o qual o loteamento do espaço sonoro fere a cultura. Se cultura e história estão intrinsecamente relacionadas, podemos – precisamos – relatar o que de anti-humano historicamente se instala. Não sabemos ainda medir os efeitos do loteamento do espaço sonoro sobre a cultura musical, sobre a deterioração dos elementos humanos que a compõem, mas compreendemos a comunhão de valores que existe entre ele e a barbárie.

Ao se consumir por músicas dos meios de comunicação de massa – estes contendo a pseudo-individação, a segmentação e a terceira programação – o loteamento do espaço sonoro se torna um dos agentes da indústria cultural hodierna que extingue a possibilidade de haver uma cultura que não seja de massa. A sociedade hodierna está toda, em alguma medida, massificada. Embasados na idéia de uma indústria cultural associada ao capital e aos meios de comunicação, nos será possível olhar para a contemporaneidade e dizer quais camadas estão poupadas da massificação?

A fetichização da produção cultural industrializada e a relação entre música e tecnologia instauram verticalmente, em todas as classes sociais, a recepção da música padronizada como comportamento norteado pelo desejo de consumo, este mais plenamente satisfeito por quem mais poder de consumo tem. Porém, na apologia ideológica a este tipo de música, tal música se torna eficazmente acessível a toda a sociedade. Seja como objeto de ostentação ou de distinção para sujeitos de *status* social elevado, seja como apanágio e compensação oferecidos para os mais pobres, a música padronizada perpassa a sociedade massificada.

No panorama assim delineado e considerando o caráter aporético da arte, indagamos: como ela conservará a si mesma? Estaremos no início do que seria uma era glacial da música? Onde estão os refúgios para o fazer musical transcendente? Onde estarão sendo mantidas as condições para se criar artisticamente músicas que, de algum modo, em algum momento, sejam restituídas a uma sociedade que a si mesma restitua sua humanidade?

Residem aqui nossas inquietações de pesquisadora e também nossas esperanças de artista.

Devaneio musical

*Amanhã será um lindo dia / Da mais louca alegria
Que se possa imaginar
Amanhã, redobrada a força / Pra cima que não cessa
Há de vingar
Amanhã, mais nenhum mistério / Acima do ilusório
O astro rei vai brilhar
Amanhã a luminosidade / Alheia a qualquer vontade
Há de imperar, há de imperar*

*Amanhã está toda a esperança / Por menor que pareça
Que existe é pra vicejar
Amanhã, apesar de hoje / Será a estrada que surgir
Pra se trilhar
Amanhã, mesmo que uns não queiram / Será de outros que esperam
Ver o dia raiar
Amanhã, ódios aplacados / Temores abrandados
Será pleno, será pleno*